

## PENSANDO AS ESPECIFICIDADES DO CAPITALISMO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL \*

O professor Ben Ross Schneider<sup>1</sup> realizou uma palestra no Ipea, em 30 de junho de 2011, com foco na perspectiva das *variedades do capitalismo* e nas bases institucionais do desenvolvimento do capitalismo na América Latina e no Brasil. Interessado nas diferenças e especificidades do capitalismo nestes países, Schneider acredita ser possível pensar em um modelo de capitalismo geral para a América Latina, denominado *economias de mercado hierárquicas*, o qual enfoca sobretudo a organização do investimento e dos negócios, bem como a qualidade do emprego e da mão de obra.

Especialista em política econômica e política latino-americana, Schneider argumenta que, embora entre os anos 1960 e 1970 diversos pesquisadores tenham começado a pensar nas diferenças constitutivas do capitalismo que se desenvolvia na América Latina, em anos posteriores este debate teria perdido centralidade. Segundo Schneider, uma das hipóteses que poderiam explicar este processo seria a importância adquirida por estudos que focavam o papel do Estado na economia. Tais estudos partiriam da ideia de que os mercados funcionam de maneira semelhante, não importando diferenças entre os países neste sentido. O foco deveria, portanto, recair sobre o Estado enquanto principal agente. Ademais, haveria a ideia de que modelos específicos de capitalismo só poderiam ser identificados em países desenvolvidos, devido ao seu histórico de desenvolvimento e à presença de instituições consolidadas. Schneider discorda destas visões, afirmando que seria, sim, possível pensar em instituições consolidadas no setor privado na América Latina. Além disso, ele acredita que o papel interventor do Estado teria diminuído em relação ao período do nacional-desenvolvimentismo, e atualmente a capacidade de intervenção dependeria muito mais das empresas privadas existentes.

Assim, o professor defende o uso do modelo de *variedades de capitalismo* para uma análise do desenvolvimento na América Latina. Este modelo ajudaria a suprir três lacunas principais da literatura tradicional sobre o tema: a ausência de dados sobre as formas distintas de governança corporativa em organizações privadas; a falta de foco na organização do trabalho dentro das empresas; e a pouca atenção dada à qualificação dos trabalhadores (SCHNEIDER, 2009). Além disso, conforme ressaltado pelo professor, na medida em que incorpora e combina pontos importantes de diferentes modelos analíticos, o modelo seria útil para “pensar as interações entre as partes da economia, o que normalmente não se faz”, uma vez que há uma tendência à compartimentalização dos estudos.

Essa noção de interação se expressa no conceito de *complementariedades institucionais*, no sentido de que a presença de uma instituição em uma esfera da economia pode influenciar – positiva ou negativamente – uma instituição em outra esfera. Por exemplo, se existe financiamento de longo prazo

---

\* Texto elaborado por Isadora Araújo Cruxên, pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest) do Ipea, com base em palestra ministrada pelo professor Ben Ross Schneider, em 30 de junho de 2011, no Ipea.

1. Ben Ross Schneider é membro do Departamento de Ciência Política do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e diretor do programa MIT Brasil. Foi consultor da Fundação Ford, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Instituto das Nações Unidas de Pesquisa e Desenvolvimento Social (UNRISD). Entre suas principais áreas de interesse estão economia política, fundações institucionais do desenvolvimento econômico, burocracia e reforma administrativa, democratização, e Estado desenvolvimentista.

pelos bancos, aumenta-se a estabilidade no emprego na empresa que recebe este tipo de financiamento. Esta ideia de complementariedade foi introduzida por Hall e Soskice em seus estudos sobre variedades de capitalismo (HALL e SOSKICE, 2001). Estes autores identificaram duas variedades principais: o modelo liberal (LMEs – *liberal market economies*) e o modelo coordenado (CMEs – *coordinated market economies*), os quais se aplicariam, sobretudo, aos países desenvolvidos. Schneider argumenta, entretanto, que seria necessário pensar se existem também outros modelos e tipos de complementariedades presentes em países fora do espectro considerado no modelo inicial.

Pensando em diferentes mecanismos de alocação de recursos, na organização interna das grandes empresas privadas e em suas relações com ambientes políticos e econômicos, Schneider propõe a adição de duas categorias à tipologia inicial de *variedades de capitalismo*: modelo de redes (NMEs – *network market economies*) e modelo hierárquico (HMEs – *hierarchical market economies*) (SCHNEIDER, 2008). Na sua palestra, o enfoque recai sobre o modelo hierárquico, o qual corresponderia às economias latino-americanas, na concepção de Schneider. As quatro características centrais deste modelo seriam: a presença de multinacionais; a existência de grupos econômicos diversificados; um mercado laboral atomizado e segmentado; e níveis de qualificação e de educação bastante baixos.

Nesse modelo, a organização do investimento e do comércio ocorre de maneira hierárquica. Segundo Schneider, em todo tipo de organização ou empresa existe hierarquia, entretanto em graus variados; por exemplo, “as empresas [nos países da América Latina] têm donos ou blocos controladores; não se pode comprar empresas na bolsa [*hostile takeover*]”. Além disso, “os recursos para investimento vêm de dentro, de dentro dos grupos econômicos que juntam capital dentro das empresas do mesmo grupo; ou, no caso das multinacionais, vêm da sede da multinacional. (...) As próprias empresas são as mobilizadoras do financiamento para o investimento”, disse o professor. No caso dos grupos econômicos, a diversificação significa que a maioria dos grupos têm atividades em diferentes setores da economia. De acordo com dados apresentados por Schneider, estes grupos econômicos seriam responsáveis por cerca de 20% do produto interno bruto (PIB) dos países da América Latina. No caso brasileiro, o grau de diversificação seria menor que em outros países, mas ainda haveria um número razoável de empresas com atividades em diferentes setores. Outro aspecto importante, no que concerne aos grupos econômicos, seria que muitas destas organizações são controladas por famílias, em uma espécie de “hierarquia familiar”.

No que se refere ao mercado laboral, Schneider afirma que este seria caracterizado por um papel menor dos sindicatos, por uma grande rotatividade dos trabalhadores nos empregos (a permanência média do trabalhador por empresa é de três anos), por um alto grau de regulação e por uma economia informal bastante expressiva. Nesse contexto, o mercado laboral teria três segmentos: *i*) uma faixa de 10% a 20% de empregos formais, estáveis e muito qualificados; *ii*) uma faixa de 30% a 40% de empregos formais, porém de alta rotatividade e baixa qualificação; e *iii*) o restante, composto pelo mercado informal. Em termos de qualificação e educação, o professor mostra que as médias dos países latino-americanos avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estariam bem abaixo dos níveis recomendados.

Essas características resultariam, de acordo com o professor, em três complementariedades. Em primeiro lugar, haveria uma divisão do trabalho entre grupos econômicos e empresas multinacionais, de modo que os grupos econômicos tendem a se concentrar na área de *commodities* (setor primário), enquanto as multinacionais costumam ocupar o espaço das manufaturas de alta tecnologia. Em segundo lugar, ambos os tipos de empresas gerariam pouca demanda por trabalhadores qualificados. O domínio

de multinacionais em setores tecnológicos, intensivos em capital, mas pouco demandantes de mão de obra, inibiria iniciativas de pesquisa e desenvolvimento no país, as quais exigiriam um número maior de trabalhadores qualificados. Ao mesmo tempo, os setores primários, controlados pelos grandes grupos econômicos nacionais, empregam mais mão de obra, mas contratam pouco pessoal com maior qualificação. Para Schneider, portanto, a falta de demanda por trabalhadores qualificados não se verificaria somente nas empresas menores do setor informal, mas também nas empresas maiores do país. No caso brasileiro, no entanto, o professor reconhece que grandes empresas no setor de serviços, de comunicações e no setor financeiro geram maior demanda por trabalhadores qualificados, com pelo menos nível superior. Por fim, a última complementariedade refere-se à interação aparente entre rotatividade e qualificação. Segundo Schneider, em um quadro em que o trabalhador muda de emprego a cada três anos, as empresas têm pouco interesse em investir na capacitação de seus empregados, assim como os trabalhadores têm pouco interesse em aprender mais sobre a atividade que exercem na empresa. Em geral, portanto, não se reaproveitaria a qualificação recebida.

Schneider afirma que essas complementariedades seriam, em larga medida, negativas, resultando em uma espécie de resistência institucional ao desenvolvimento nos países da América Latina. Segundo ele, nesta variedade hierárquica, existiriam duas saídas possíveis. A primeira seria a rota escandinava, marcada, sobretudo, pelo investimento público na área de educação e pelo investimento privado em pesquisa e desenvolvimento. A segunda seria o investimento no setor de serviços, o que requereria, de acordo com o professor, uma base forte formada pela classe média, bem como uma base de exportação de serviços. De maneira mais ampla, contudo, Schneider busca demonstrar como a utilização da perspectiva de variedades do capitalismo pode ser uma ferramenta útil para identificar complementariedades negativas e positivas, algo que poderia contribuir para o processo de pesquisa e formulação de políticas públicas nos países em questão.

## REFERÊNCIAS

HALL, P. A.; SOSKICE, D. **Varieties of capitalism**: the institutional foundations of comparative advantage. Oxford: Oxford University Press, 2001.

SCHNEIDER, B. R. Hierarchical market economies and varieties of capitalism in Latin America. *In*: **Journal of Latin American Studies**, v. 41, p. 553-575, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comparing capitalisms**: liberal, coordinated, network, and hierarchical. Mar. 2008. p. 1-37. Disponível em: <[http://www.ces.fas.harvard.edu/events/papers/Schneider\\_Comparing\\_Capitalisms.pdf](http://www.ces.fas.harvard.edu/events/papers/Schneider_Comparing_Capitalisms.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2011.

---

